

CAOS E COSMOS DO GÊNERO HUMANO E A PEDAGOGIA SISTÊMICA



RESUMO

O artigo tem como objetivo discorrer sobre o cenário atual para o ensino/aprendizagem, suas implicações, reflexões, estratégias, metodologias, com destaque para a Pedagogia Sistêmica que aplica ideias da Constelação Familiar. O cotidiano é bastante exigente quando se refere ao amadurecimento e alocação do indivíduo no meio, muitas vezes saturado por paradigmas mal resolvidos e contrariedades que conduzem para conflitos internos, refletidos familiarmente e nos principais meios de convívio. O ambiente educacional é entre outros um dos mais exigentes e sacrificado por esses conflitos internos, muitas vezes agravados por tradições familiares de frustração, dificuldades e repetições de comportamentos conflitantes. Para que uma transformação ocorra, é imprescindível que a formação ofereça oportunidades para a construção de competências de forma a aprimorar a qualidade e as potencialidades individuais nos mais diversos contextos educacionais. Esta investigação tem por finalidade discutir a formação de que proporcione aos estudantes, o desenvolvimento da competência linguístico-comunicativa por intermédio das competências profissionais e teóricas que são abordadas no texto. Sob tal perspectiva, buscou-se analisar como a sensatez poderia atuar na formação de discentes mais fortes e equilibrados emocionalmente, o que resulta em uma aprendizagem mais eficiente, sólida e tranquila. Por meio deste estudo, pode-se indicar que a reflexão acerca do processo e a aplicabilidade da Pedagogia Sistêmica, são formas significativas e relevantes para que os estudantes deixem de tratar isoladamente seus conflitos, aflições e dificuldades do curso e passem a relacionar informações advindas da teoria ao seu conhecimento, uma vez que os resultados obtidos apontam que a integração da teoria à prática possibilita-lhes mudanças significativas na aprendizagem, estimulando o engajamento no pensamento crítico desejável para a busca do crescimento educacional e pessoal contínuo.

Palavras-chave: Ensino e Aprendizagem, Família, Pedagogia Sistêmica

INTRODUÇÃO

O presente artigo discorre sobre uma temática ainda pouco desenvolvida no meio educacional no Brasil, mas que na Alemanha, por exemplo, vem trazendo muitos bons resultados e colaborando para o desenvolvimento de muitas crianças e adolescentes no enfrentamento de dificuldades de aprendizado e socialização, a Pedagogia Sistêmica.

Ao deparar-se com algumas dificuldades de ordem familiar, social, que implicam muitas vezes no fracasso do discente em sua aprendizagem, percebeu-se que muitas vezes isso se dá pela dificuldade de resolver, superar ou até mesmo enfrentar situações comuns ao ambiente familiar que freiam, dificultam ou não promovem suporte para a aprendizagem, o que chamamos de comportamentos repetitivos familiares, difícil de ser quebrado ou superado principalmente pelas crianças. Mediante tal problema, surge o interesse em pesquisar novas ferramentas que possam colaborar efetivamente na sua resolução, deparando-se, assim, com as pesquisas e metodologias de Bert Hellinger e as Constelações Familiares.

Por meio da pesquisa sobre a metodologia, e resultados positivos reconhecidos pelos artigos e pesquisas realizados, e a possibilidade de aplicabilidade no contexto escolar; que tal pesquisa se impulsiona e justifica para futuros e contínuos estudos, uma vez que é um novo caminho, uma nova porta sendo aberta para minimizar dificuldades e traumas no ambiente escolar.

Conduzindo-se pelo referencial de Moita Lopes (1996), a pesquisa desenvolvida pode ser caracterizada como qualitativa, visto que está centrada na investigação de bibliografia sobre processo de ensino e aprendizagem, e solução de problemas relacionados aos conflitos familiares que refletem no ambiente educacional.

Segundo apresenta Erickson (1991, p.338), o termo qualitativo pode ser visto como interpretativa, "caracterizado por uma série de abordagens que enfatizam a descrição e a análise dos sentidos de eventos rotineiros" vivenciados pelos participantes do contexto investigado. Entre suas principais abordagens, temos além da pesquisa bibliográfica, a observação de documentos.

Com base nesse referencial, pode-se, portanto, caracterizar este estudo como qualitativo, interpretativo.

1-MARCO TEÓRICO

Historicamente, são milhões de anos de evolução da vida em nosso planeta azul, nos quais devem ser computados o tempo de origem e formação da própria Terra. Quanto ao ser humano, desde seu início e evolução até chegar ao homo sapiens também percorreu um transcurso grande de tempo. O site Origem da Palavra esclarece que "'Humano' veio do Latim HUMANUS, relacionado a HOMO, 'homem', e HUMUS, 'terra', pela noção de 'coisas terrestres', em oposição a 'seres divinos', de uma raiz sânscrita MAN-, 'homem'".

Por sua vez, o site dos Significados que se apresenta como "um repositório de significados, conceitos e definições sobre os mais variados assuntos. Explicamos o que é, o que significa e o que quer dizer cada coisa", assim aborda o homo sapiens e sua evolução:

Homo sapiens é o nome dado à espécie dos seres humanos, de acordo com a classificação taxonômica. Esta é uma expressão latina que significa literalmente 'homem sábio' ou 'homem que sabe'.

Estima-se que os primeiros Homo sapiens tenham aparecido entre aproximadamente 300 mil e 100 mil anos atrás, na atual região do leste africano.

A principal característica que marca o Homo sapiens é a sua capacidade de pensar e raciocinar, qualidade esta que é única entre os seres desta espécie. Além disso, o Homo sapiens é conhecido por suas complexas estruturas sociais e sistemas de comunicação.

Os Homo sapiens, supostamente, evoluíram a partir do Homo erectus, espécie antecessora que surgiu há cerca de 1,5 milhões de anos e já possuía características fisiológicas bastante semelhantes ao do homem moderno, como a postura e as dimensões do cérebro.

Ocorre que é possível constatar que, nos últimos tempos, esse homo sapiens, em progressão geométrica, transforma-se em algo que não reconhecemos mais. Então, de que humano estamos falando? Como visto acima, a etimologia dessa palavra traz, de forma muito simples e objetiva, a indicação de que somos "homens do planeta Terra".

Porém, enquanto componentes dessa espécie sábia

da Terra, podemos arriscar uma pequena complementação e considerar que também somos dotados de uma centelha divina manifestada pela atividade cerebral inteligente e criativa, de forma contínua, cumulativa e inventiva, que nos permite sermos, inclusive, uma invenção de nós mesmos nos inter-relacionamos com tudo e todos que compõem o universo. Podemos analisar que essa concepção aponta, no seu bojo, a infinita e maravilhosa possibilidade de sermos, ao mesmo tempo, caos e cosmos, termos assim apresentados pelo Dicionário Houaiss:

Caos s.m. (1572) 1 MIT em diversas tradições mitológicas, vazío primordial de caráter informe, ilimitado e indefinido, que precedeu e propiciou o nascimento de todos os seres e realidades do universo 2 p.ext. FIL na tradição platônica, o estado geral desordenado e indiferenciado de elementos que antecede a intervenção do demiurgo 3 mistura de coisas em total desarmonia; confusão (a coisa está em c.) (sua cabeça ficou com c) 4 FÍS comportamento de um sistema dinâmico que evolui no tempo, de acordo com uma lei determinista, e é regido por equações cujas soluções são extremamente sensíveis às condições iniciais, de modo que pequenas diferenças acarretarão estados posteriores extremamente diferentes c.primordial COSM suposto estado de mistura e irregularidade dos elementos no espaço, antes de se separarem e ordenarem para formar o Universo. ETIM lat. cháos,i 'caos, confusão, os infernos; escuridão (2009, p. 390).

Cosmos s.m.2n. (1563) 1 COSM espaço universal, composto de matéria e energia e ordenado segundo suas próprias leis; universo 2 FIL na filosofia grega, a harmonia universal; o universo ordenado em leis e regularidades, organizado de maneira regular e integrada ETIM gr. kósmos,ou 'ordem, conveniência, organização, ordem do universo, mundo, universo' (2009, p. 561)

Retornando à ideia da infinita e maravilhosa possibilidade de sermos, ao mesmo tempo, caos e cosmos, a palavra "infinita" tem a intenção de trazer a ideia da ausência de limites e a palavra "maravilhosa" traz um viés poético e otimista, pois, se somos dotados de inteligência e temos amplas possibilidades de nos inter-relacionarmos, podemos (ou não) ser agentes de grandes e valiosas transformações em nós mesmos, no outro, no planeta e no universo que habitamos (HARARI, 2018; (KAKU, 2015).

Somos caos e, ao mesmo tempo, cosmos. Por quê? Tudo que está no universo é composto de matéria e energia ordenadas por leis próprias que se mantêm ou se alteram de acordo com quem (todos os seres vivos) e o que (todos os seres e objetos inanimados) o compõem; vivemos individual e coletivamente momentos de ordem e desordem de ideias e ações; harmonizamos e desarmonizamos tudo e todos; ora

somos vazio, ora excesso; vivemos senso e contra senso; controlamos e descontrolamos; zelamos pelo equilíbrio interno e externo ou desequilibramos nós mesmos e o todo; ora somos o exemplo de regularidade e ora de irregularidade; homogeneidade e heterogeneidade ora nos acalentam e ora são a nossa própria tormenta. Somos o pequeno grão, somos o todo, somos simplesmente humanos com a plena e fantástica possibilidade de construção, reconstrução e consequente evolução de forma sistêmica (HARARI, 2016; KAKU, 2015)

No planeta não há mais fronteiras, não há mais limites estabelecidos; há um tecido social planetário no qual as diferentes sociedades se revelam, se contrapõem, se complementam, se diferenciam, se distanciam e se aproximam. Diversidade sistêmica que revela tanto para umas quanto para as outras sociedades diferentes conceitos e vivências acerca da riqueza, pobreza, cultura, política, ciência, religião, educação, linguagem, arte, criminalidade, economia, liberdade e várias outras inúmeras facetas (CARVALHO, 2013).

Desses conceitos e vivências emergem algumas características planetárias e apontam-se alguns exemplos: o ser humano está vivendo mais e, portanto, agregam-se mais anos à vida sem, contudo, agregar mais vida aos anos; em alguns lugares do planeta prevalece a fome, em outros a obesidade; não há ponto de equilíbrio entre ciência e religião; não há mais fronteiras para comunicação; evoluímos muito, científica e tecnologicamente, mas moralmente estamos quase estagnados; geramos crianças em laboratório e não sabemos mais educar estes filhos da Terra; fazemos viagens e descobertas espaciais e degradamos a nossa natureza, usamos nanotecnologia para o rejuvenescimento e não nos reconhecemos mais no espelho; temos leis para tudo e não respeitamos e reconhecemos o nosso próprio corpo; nos comunicamos com desconhecidos e desconhecemos as pessoas de nossa própria família; somos solidários no auxílio às catástrofes mundiais, mas não estendemos a mão a quem sofre ao nosso lado; há ainda inúmeros outros exemplos. Caos humano, nos perdemos (HARARI, 2016).

Com isso, podemos compreender que a responsabilidade acerca da qualidade da existência não está somente sobre o ombro de cada um de nós: vive-se um jogo de forças de forma sistêmica. O caos e o cosmos também são externos a nós. E sendo assim, também nas diferentes sociedades de nosso planeta, por outro lado, há luz. As diferentes ciências nos apontam, em inúmeras pesquisas, as enormidades do potencial individual e coletivo do ser humano a respeito do qual também podem citar alguns exemplos: geneticamente o nosso cérebro encontra-se em plena evolução, pois utilizamos aproximadamente um décimo de nossa capacidade mental e há noventa por cento a ser desenvolvido e explorado; sinapses neurais são cada vez mais rápidas; superamos cotidianamente a nossa capacidade física; conhecemos minimamente as nossas capacidades mentais; podemos curar com as nossas capacidades metafísicas; podemos resolver problemas por meio do nosso infinito potencial criativo;

temos uma enorme capacidade de comunicação, integração e inter-relação. Cosmos humano, podemos nos reencontrar (HARARI, 2016; HARARI, 2018).

Constituímo-nos como seres humanos nas relações que estabelecemos com os membros da nossa espécie e com o meio que estamos inseridos, transformando e sendo transformados, dessa forma, evoluímos nas dimensões que compõem a nossa existência: dimensões física, mental e emocional, considerando que somos, portanto, matéria, pensamentos e emoções. Somos sistêmicos (HARARI, 2018).

Trazendo a reflexão para o aspecto pessoal, de construção e reconstrução, dos homens e das sociedades, interferem na minha própria constituição, assim, interferirão também de forma incisiva no outro e no todo. Como, então, viver e contribuir com a plena evolução de nós mesmos e do Universo? Neste contexto, cabe retomar algumas reflexões sobre o efetivo significado da palavra ética.

Para além das definições do verbete em dicionários da língua portuguesa, recorremos à filosofia a fim de iluminar a reflexão. Filosoficamente falamos que a ética do gênero humano ultrapassa o reconhecimento e cumprimento de um conjunto de normas ou regras definidas por um grupo social em um dado momento histórico, falamos de ética enquanto postura, modo de vida, escolha, vivência de princípios e valores que visem o bem comum, isto é, o bem para tudo e todos, rompendo assim com uma visão minimalista da existência humana. (HARARI, 2018; KAKU, 2015)

Considerando as reflexões iniciais e a importância da postura ética nos cabe analisar qual é o papel da família e da escola na formação humana e na constituição e evolução do tecido social. Poucos conceitos evoluíram e modificaram-se tanto quanto o conceito de família. Na sociedade medieval, as famílias eram somente grandes agrupamentos de pessoas consanguíneas, servidores e protegidos que conviviam com proximidade sob o mesmo teto. O conceito de família evoluiu, assim como foram evoluindo os conceitos de infância, de criança e de ser humano e na contemporaneidade o conceito e a organização da família mudam drasticamente (VIEIRA, 2018).

Hoje, podemos destacar que a família é um pequeno agrupamento nuclear de parentes ou agregados que coabitam e interagem caracterizando uma estrutura psicossocial estruturada. Neste cenário, algumas características encontram-se imbricadas: espaço e tempo compartilhados, formação de laços afetivos, hereditariedade, adoção, legitimação, transmissão e legados tudo isso regido por leis próprias que organizam as relações e situam os indivíduos em uma linhagem (VIEIRA, 2018).

Embora muitos aspectos familiares tem se alterado ao longo da evolução humana, permanece a certeza de que é na família que o ser humano começa a construção de sua identidade, reconhece a sua existência e a do outro e passa da absoluta

dependência para construção de sua gradativa autonomia. No contexto familiar há a organização de espaços e tempos e o tempo presente de um núcleo familiar traz sempre registros do passado que alimentarão o futuro. Todo processo de subjetivação é um processo de humanização que, portanto, envolve o outro (VIEIRA, 2018).

Tudo que se passa em família deixa marcas que atravessam gerações, determinando, consciente ou inconscientemente, respostas e condutas. É na família que se inicia a construção (ou não) de princípios morais e éticos e, conseqüentemente, constroem-se também sentimentos de confiança, pertencimento, autopreservação, segurança, autoestima, etc. (VIEIRA, 2018). Ocorre que os espaços familiares foram ficando cada vez mais reduzidos, assim como reduziu-se o núcleo familiar e as crianças passaram a conviver socialmente com seus pares em espaços escolares. Caos e Cosmos, o diverso interage nos ambientes escolares.

Triângulos isósceles perambulam nas esquinas, glândulas encontram-se enlouquecidas, verbetes perderam seu eu interior, expirou a lei contra a escravidão, a história parou no tempo, Alice não vive mais no país das maravilhas, a Negrinha de Monteiro Lobato ressuscitou em um milhão de corpos, Monalisa virou-se de costas e agora chora o tempo todo, abalos cismicos, furacões e tempestades consumiram a geografia, não há mais corpos sãos e muito menos mentes sãs, as línguas perderam sentido e significado. (LOBATO, 2019; CARROL, 2013; ISAACSON, 2017).

Esfacelamos as ciências. Reconhecemos núcleos celulares e não sabemos a função do baço, a nanotecnologia cria essências e perfumes e esquecemos a beleza da flor, adoramos o piano, mas os concertos estão proibidos. Há só uno não há todo. Há um abismo entre ciência e sapiência, que hoje constitui-se em um grande dilema da educação. É fato que, hoje a escola e seus educadores não atendem com eficiência e eficácia a função social a qual destinam-se (ALVES, 2010)

Consequiremos reconectar os conhecimentos construídos pela humanidade a fim de que o humano em sua mais ampla, plena e rica diversidade possa desenvolver-se plenamente para o exercício da cidadania e para a qualificação para o mundo do trabalho? (CARVALHO, 2013).

Inspirados em princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, evidenciamos em nossa legislação que a educação é dever da família e do Estado. Caos e cosmos novamente se revelam quando pensamos que a família deixa a desejar no cumprimento de sua função social, além da função humana e da função moral, e que cabe a escola contribuir para o bem-estar de um povo, com sobrecarregada responsabilidade em desenvolver nos cidadãos a capacidade de pensar porque é com o pensamento que se faz um povo e se abre a possibilidade de reconstruir a história. (CARVALHO, 2013).

Mas, para desenvolver essa capacidade de pensar, é preciso Aprender o quê? Aprender para quê? Aprender quando? Aprender como? O que fica da escola quando ela se esvai?

Nesse contexto, de que pedagogia estamos falando? Ciência da educação e do processo de ensino e aprendizagem? Conjunto de doutrinas, princípios e métodos que visam assegurar uma educação eficiente? Tais definições demonstram-se vazias de sentido e significado e por si só não atendem mais a nossa urgente e emergente necessidade de ressignificarmos o saber e arte de ensinar. Na escola é chegada a hora de deixarmos de comunicarmos o saber para construirmos o sabor de aprender.

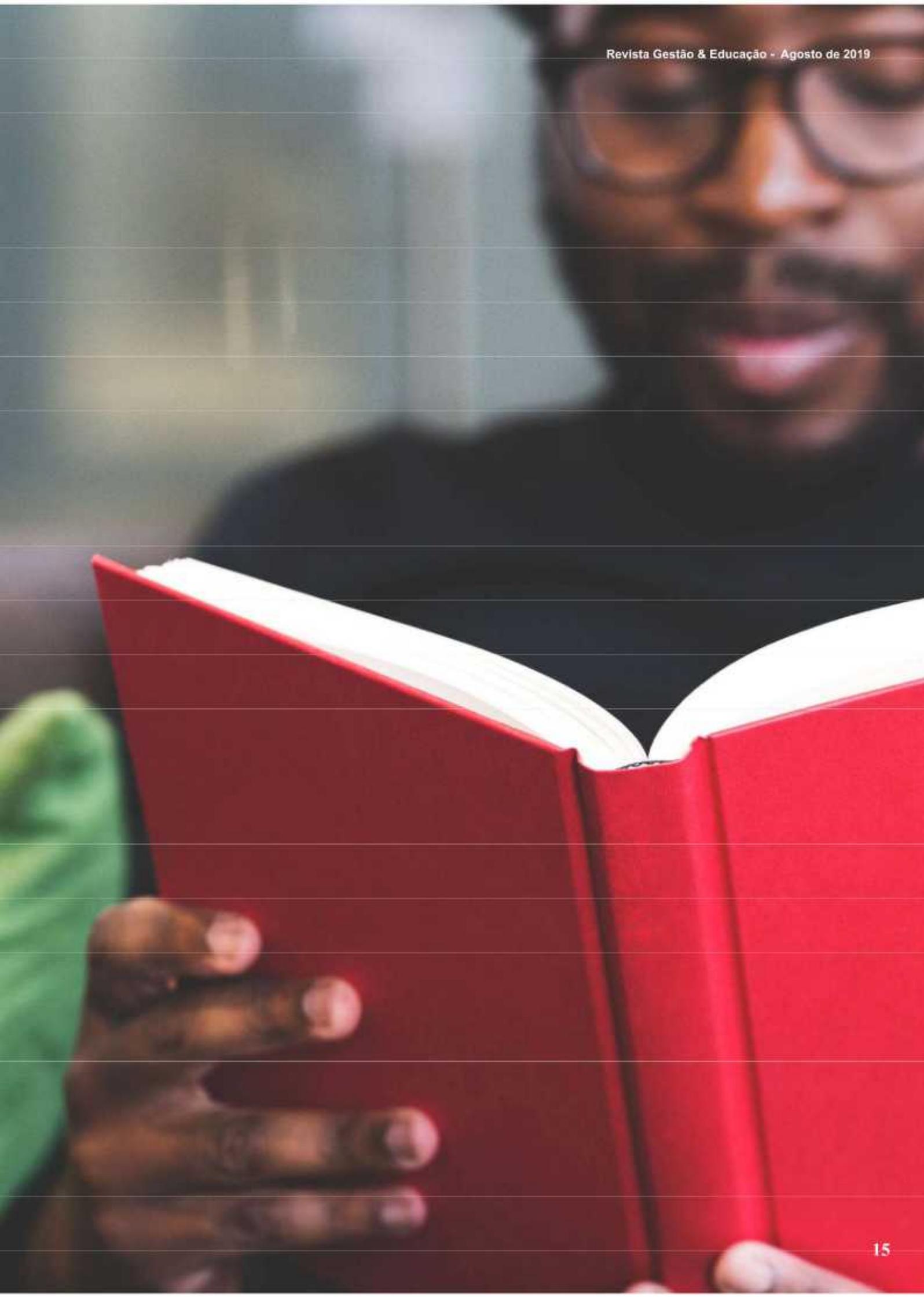
Nesse sentido, é necessário que busquemos a ampliação do conceito de pedagogia. Se somos (eu e os outros, ora sozinhos, ora agrupados) e vivemos (em diferentes casas, famílias, escolas, sociedades, planeta) caos e cosmos ao mesmo tempo, precisamos dar enfoque para as organizações e classificações desses múltiplos e amplos sistemas complexos por meio de uma pedagogia sistêmica, a respeito da qual temos que refletir. (VIEIRA, 2018).

2 - A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA E A PEDAGOGIA SISTÊMICA

Diante de tantas indagações de extrema relevância e inquietação, tem-se buscado a Pedagogia Sistêmica como uma possibilidade assertiva para minimizar conflitos escolares, trazendo luz aos conflitos pessoais e familiares que originam dificuldades de aprendizagem e outras questões conflitantes que deságuam nos ambientes escolares.

A Pedagogia Sistêmica permite perceber as pessoas não como indivíduos isolados, mas como parte de uma ampla estrutura inter-relacionada. O pensamento sistêmico nos reconecta com as nossas origens, com nossos semelhantes, com a vida em suas mais diferentes formas, com o planeta, com o universo. O cosmos estará em nós (VIEIRA, 2018). Mas antes de continuarmos desenvolvendo ideias que esclareçam a respeito do conceito e das possibilidades da Pedagogia Sistêmica, é necessário mencionar alguns aspectos acerca de sua fonte: as constelações familiares.

Bert Hellinger, alemão, nascido em 1925, formado em Filosofia, Teologia e Pedagogia, Missionário católico, estudou, viveu e trabalhou durante 16 anos no sul da África, dirigindo várias escolas de nível superior. Após esse período, aprofundou seus estudos e pesquisas tornando-se psicanalista e, por meio da dinâmica de Grupos, da Terapia Primal, terapia que tem indicação específica para as neuroses, criada por Arthur Janov, nos anos 60, que se pode considerar de choque por ser bastante exigente, mas que também proporciona muito alívio psicológico, bem como da Análise Transacional, de diversos métodos hipnoterapêuticos e demais técnicas, desenvolveu sua própria Terapia Sistêmica e Familiar a qual denominou: Familienaufstellen (respectivamente: "Colocação do Familiar", traduzido



para: Constelações Familiares, no Brasil). Trata-se a Constelação Familiar de um método psicoterapêutico que estuda os padrões de comportamento de grupos familiares através de suas gerações (HELLINGER SCIENTIA, 2019).

As constelações familiares partem do pressuposto de que a família, como sistema próprio, gera influência constante sobre o desenvolvimento do indivíduo. Cada indivíduo possui características e cargas emocionais que nem sempre se sabe ou compreende-se a sua origem ou o motivo que faz sentir-se assim. Acontece que, muitas vezes, sem saber, essas dificuldades são resultadas a partir de nossos sistemas familiares e é isso que a Constelação Familiar estuda.

O método explica que há uma repetição de comportamentos, de acordo com gerações, mesmo que de uma maneira inconsciente. Hellinger propõe que há uma "consciência de clã", norteador por ordens arcaicas ou ordens do amor, que referem-se a três princípios norteadores: a necessidade de pertencer ao grupo ou clã; a necessidade de equilíbrio entre o dar e o receber nos relacionamentos e a necessidade de hierarquia dentro do grupo ou clã.

Hoje a Constelação Familiar Original "Hellinger" é aplicada em muitas áreas, tais como: política, grandes corporações, médias e pequenas empresas, empresas individuais, gestão e administração executiva, universidades e escolas, tribunais, hospitais e, claro, para todos os assuntos individuais. No ambiente estudantil - universidades e escolas - verifica-se que Marianne Franke Gricksh, Angelica Olivera e Alfonso Malpica buscaram aplicar os conceitos e métodos das constelações familiares no campo pedagógico tendo nessa metodologia um refrigério para as resoluções dos conflitos escolares que, muitas vezes, têm origem no convívio familiar, promovendo assim uma transformação não apenas no estudante, mas também em toda família, refletindo de forma positiva em todo ambiente escolar.

Excelente lição da pioneira Marianne Franke Gricksh, em sua obra "Você é um de nós", foi apresentada na Reportagem Pedagogia Sistêmica: Projeto Europeu numa escola Brasileira, publicada no canal YouTube (2013). Vejamos:

As constelações familiares me conduziram a uma nova compreensão dos alunos. Vi como estão inseridos em suas famílias e a sua lealdade a elas. Mas também reconheci as forças que empregavam constantemente para ligar sua vida familiar a escolar e percebi que essas forças poderiam ser frutíferas. Na verdade, isso acontece quando nós, professores, abrimos nosso coração às famílias, permitindo-lhes entrar em nossas salas de aula como uma presença invisível e permanente. As ideias fundamentais de Hellinger, do que significa estar inserido no contexto familiar é que me levaram inicialmente a usar a ideia sistêmica em minhas aulas.

Não podemos perder de vista que os objetivos para a aplicabilidade da Pedagogia Sistêmica no ambiente escolar são bastante pontuais: gerar um espaço adequado ao aprendizado e bem estar do aluno; reconhecimento da importância dos pais no processo educacional efetivamente; a escola é um local destinado exclusivamente para a aprendizagem e não para fins terapêutico, embora faça uso de algumas técnicas terapêuticas com o exclusivo objetivo de promover a aprendizagem; pois, no momento em que a instituição, pais, professores e alunos têm clareza de seu papel e suas responsabilidades, o aprendizado ocorre com mais fluidez e tranquilidade.

Quando pensamos na definição de função social da escola, no papel do educador e na importância da Pedagogia Sistêmica, consideramos de extrema relevância que alguns aspectos pesquisados e discutidos por Morin (2000) sejam objetos de nossa constante reflexão e componham cotidianamente as práticas educativas escolares.

Algumas de suas ideias podem iluminar as nossas ações no ambiente escolar: não somos detentores de todo o saber; o saber pode ser substituído, complementado, ressignificado; não temos controle sobre a celeridade da construção dos conhecimentos; verdades absolutas nos cegam, nos limitam, nos iludem; a provisoriamente do conhecimento é uma dádiva; o erro representa a possibilidade do acerto; aprendo e apreendo efetivamente o que tem conexão e significado e é necessário à melhoria da minha vida e ao todo; na condição e identidade humana, temos aspectos comuns que nos caracterizam enquanto espécie, porém somos dotados de particularidades que nos permitem sermos únicos e muito importantes enquanto componentes do universo; a Terra é a nossa casa e as nossas ações interferem de forma positiva ou negativa no todo; as incertezas trazem a possibilidade da criação e do amplo desenvolvimento humano; devemos compreender a si próprio e aos outros e agirmos visando o bem comum. Não se pode ignorar que são aspectos acerca de pensamentos e ações sistêmicas (MORIN, 2000).

Acreditar que a escola sozinha pode construir uma sociedade constitui-se em uma visão ingênua, simplista e idealista. A educação escolar relaciona-se dialeticamente com a sociedade e, se cabe aos educadores contribuírem para a transformação da sociedade através de suas práticas, é necessário rigor na ação sublime de ensinar.

Nesse sentido, recorreremos a Freire e seus pensamentos de que ensinar exige: rigorosidade metódica; pesquisa; respeito aos saberes dos educandos; criticidade; estética e ética; corporeificação das palavras pelo exemplo; risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação; reflexão crítica sobre a prática; reconhecimento e assunção da identidade cultural; consciência do inacabado; respeito à autonomia do ser do educando; bom senso; humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educandos; apreensão da realidade; alegria e esperança; convicção de que a

mudança é possível; curiosidade; segurança, competência profissional e generosidade; comprometimento; compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo; liberdade autoridade; tomada consciente de decisões; saber escutar; reconhecer que a educação é ideológica; disponibilidade para o diálogo; querer bem aos educandos. (FREIRE, 1996).

E ao recorrermos a esses pensamentos de Freire e ao seu chamado a fim de que o educador promova reflexões e ações que ressignifiquem a sua prática, torna-se impossível não chegar à conclusão ao fato de que ensinar exige ética do gênero humano e, conseqüentemente, pensamento alargado; e nesse último aspecto, encontramos a Pedagogia Sistêmica como uma proposta que possibilita esse alargamento do pensamento e das possibilidades de resolver e/ou melhorar as dificuldades de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Universo é sistêmico. Nada se sustenta de forma isolada. Os seres humanos possuem várias moradas e temos o dever de conviver em comunhão e cuidar da melhor forma possível de todas elas. Temos problemas a resolver, soluções inusitadas a encontrar; temos que evoluir e a felicidade é sempre um convite.

Autoconhecimento, conhecimento e prática do bem universal nos trará a primordial possibilidade de sermos livres nem que seja dentro de uma casca de noz (SHAKESPEARE, 1997). Educar-se é dever de cada um e de todos nós. Eu, família, escola e sociedade.

Contudo, se o foco é a escola e sua função social de promover a educação formal e sistematizada, não ignoramos que o ensino/aprendizagem já foi estudado sob diversos aspectos e diferentes teorias pedagógicas. E não podemos também ignorar que, porém, na atual sociedade, muitos dos problemas alheios à escola nela deságuam interferindo significativamente nesse processo de ensino e aprendizagem e não há conhecimento pedagógico que consiga resolver tais interferências.

Ou pelo menos não havia até essa abordagem da Pedagogia Sistêmica que, embora seja recente, já podemos constatar exemplos bem sucedidos de sua aplicação na Região Metropolitana de Curitiba

(2013), bem como em Gama e Taguatinga, Brasília – DF (FONSECA, 2017; FONSECA, 2018), conforme reportagem e vídeos veiculados no You Tube. Cabe-nos, pois, termos abertura para a Pedagogia Sistêmica. Vidas líquidas. Vivamos o caos e o cosmos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. Entre a ciência e a sapiência: O dilema da educação. 21 ed. Loyola São Paulo, 1999.
- CARROL, Lewis. Alice no país das maravilhas. São Paulo: Editora Rafael Copetti, 2015.
- ERICSON, F. Ethnographic Microanalysis. In MacKay, S.L & N.H Hornberger (Eds.), Sociolinguistic and language teaching. Cambridge: Cambridge University Press, 1991 – 283, 338.
- Fonseca, Hellen Vieira da. Pedagogia Sistêmica Brasília Brasil. Educação e Pedagogia Sistêmica - Professora Janaina Ribeiro/Taguatinga-DF. 09 ago. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mLjHhBjle4>. Acesso em: 07 ago. 2019.
- FONSECA, Hellen Vieira da. Pedagogia Sistêmica Brasília Brasil. Educação Sistêmica - O olhar dos professores em formação. 15 mar. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X1W50zyEy-M>. Acesso em: 07 ago. 2019.
- FONSECA, Hellen Vieira da. Pedagogia Sistêmica Brasília Brasil. Educação Sistêmica - Liberando o aluno para o próximo professor. 19 mar. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V61IX1pdKc>. Acesso em: 07 ago. 2018.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura)
- HARARI, Yuval Noah. Homo Deus: uma breve história do amanhã. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- HARARI, Yuval Noah. Sapiens: Uma breve história da humanidade. Porto Alegre: L&PM Editores S. A., 2018.
- Hellinger Sciencia. Constelação Familiar Hellinger. 2019. Disponível em: www.hellinger.com/pt/pagina/constelacao-familiar/. Acesso em: 06 ago. 2019.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- ISAACSON, Walter. Leonardo da Vinci/ Walter Isaacson. Tradução de André Czarnobai. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.
- KAKU, Michio. O futuro da mente: a busca científica para entender, aprimorar e potencializar a mente. Tradução de Ângela Lobo. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.
- LOBATO, Monteiro. Negrinha e outros contos, Jandira: Ciranda Cultural, 2019.
- MOITA LOPES, L. P. Oficina de Linguística Aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino-aprendizagem de línguas. Campinas: Mercado de Letras, 1996.
- MORIN, Edgar. Os setes saberes necessários à educação do futuro. Tradução de Catarina Eleonora F. Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez, 2000.
- ORIGEM DA PALAVRA. Humano. Disponível em: www.origemdapalavra.com.br/palavras/humano/. Acesso em: 05 ago. 2019.
- Pedagogia Sistêmica: Projeto Europeu numa escola Brasileira. 15 jul. 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QvWOL_ITAHO. Acesso em: 06 ago. 2019.
- SHAKESPEARE, William. Hamlet. Tradução de Milton Fernandes. Porto Alegre: L&PM, 1997.
- VIEIRA, Jean Lucy Toledo. Introdução à Pedagogia Sistêmica: Uma Nova Postura Para Pais e Educadores. 2 ed. Campo Grande: Editora Life, 2018.



Antônia Braz

Atualmente é Diretora fundadora do Instituto AGC- Assessoria e Gestão em Cursos, Coach, escritora e Palestrante.

Possui mais de 30 anos experiência na área de experiência em Educação, Pedagogia, Neuropsicopedagoga, Master em Programação Neurolinguística, Coach e Consteladora Familiar